



uso dos Gêneros Discursivos: nova abordagem, novos desafios¹

*Raquel Bertolini do Nascimento**

Resumo

O presente artigo tem como tema central o uso de gêneros discursivos pela escola como objeto de ensino da língua e pretende contribuir para a reflexão dos que procuram investir em mudanças curriculares que realmente estejam em consonância com as condições de leitura e escrita das sociedades letradas e da indústria cultural de um novo século.

Introdução

Analisando os Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa – percebemos claramente que o documento encaminha a prática pedagógica fortemente na direção de um trabalho, consistente e coerente, com os gêneros do discurso, cuja teoria foi elaborada pelo círculo de Bakhtin²,

* Professora de Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação "João XXIII" da UFJF / Especialista em Psicopedagogia / Mestranda em Educação/UFJF.

1 O texto apresentado constitui parte do referencial teórico do projeto de pesquisa: O uso de gêneros discursivos: construindo textos ou pretextos?, apresentado ao Mestrado em Educação da UFJF.

2 Ver Stam, Robert: Bakhtin – Da teoria literária à cultura de massa. Ed. Ática, 1992.

inclusive como uma unidade organizadora de currículos e de progressões (Dolz e Schneuwly, 1996) no ensino fundamental.

Todas as esferas da atividade humana estão sempre relacionadas com a língua, que efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), refletindo as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas. A esse respeito, Bakhtin afirma (1997, p. 279):

“...cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.”

Como a variedade da atividade humana é inesgotável, a riqueza e a diversidade dos gêneros são infinitas, o que ressalta o vínculo existente entre a língua e a vida.

Este fato evidencia a necessidade de repensar as práticas de ensino de Língua Portuguesa e, conseqüentemente, do investimento teórico que fundamenta no que se refere ao ensino centrado na noção de gêneros como propõem os PCNs, por parte de toda a equipe pedagógica envolvida no processo, já que é, ou deveria ser, o objetivo, senão “a competência” perseguida pelos professores de língua portuguesa para a conseqüente elaboração das progressões curriculares e sua implementação, buscar compreender e intervir nos processos envolvidos na construção da escrita e da leitura para transformar o sujeito em alguém capaz de reconhecer os usos sociais da língua nas duas modalidades (oral e escrita), usando-as adequadamente nas situações comunicativas.

1. O uso de textos pela escola

Tradicionalmente, o objeto de ensino tem sido o saber gramatical. A escola tem encontrado nos textos o pretexto necessário para ensinar gramática e ortografia. As atividades de leitura e escrita são totalmente desprovidas de sentido e alheias aos usos sociais da língua. Isto sem falar da oralidade, que pela imposição do silêncio e da imobilidade a que recorre o professor para sobreviver em salas com um número excessivo de alunos, é simplesmente descartada como objeto de ensino. Desta maneira, as crianças não aprendem, efetivamente, como a língua se organiza a partir dos elementos que asseguram o domínio efetivo da fala, da leitura e da escrita em situações concretas de uso. A linguagem, neste sentido, é vista como um objeto sem interferência social. Estas práticas escolares mostram com clareza que são orientadas pelo “modelo autônomo de letramento, que considera a aquisição e o domínio da escrita como um processo neutro, independente de considerações contextuais e sociais” (Kleiman, p. 44, 1995).

Entretanto, recentemente, vários estudos sobre letramento³, ressaltam a importância da interação entre os sujeitos e a função da escola de formar indivíduos alfabetizados/letrados, capazes de usar socialmente a escrita e de escolher os melhores e os mais eficazes caminhos para atenderem adequadamente às diferentes demandas sociais. Neste sentido, o discurso estaria sendo tecido a partir da inserção social na instituição escola, se materializando em interações sociais interpessoais por meio dos discursos alheios, internalizados e tornados próprios, não “para si” mas “para os outros”.

Pode-se afirmar, então, que a escola, sendo uma das principais agências de letramento, pode e deve desenvolver “habilidades cognitivas” capazes de preparar o indivíduo para a escolha de objetos realmente significativos nas interações.

De acordo com Kleiman (1995), Bakhtin insiste na necessidade de focalizar o lingüístico como denominador comum dos mais diversos tipos de textos, apesar de suas grandes diferenças formais e da complexidade intrínseca dos gêneros a que eles possam pertencer. A visão que construímos sobre o real (e porque não dizer também sobre o virtual) se dá lingüisticamente. Assim, quanto maior o contato com a linguagem e por decorrência com o real, visto na sua pluralidade, maior a possibilidade de se ter sobre o real, idéias mais elaboradas.

Neste sentido, o cerne do trabalho pedagógico deve se constituir no texto, entendido como um material verbal, produto de uma determinada visão de mundo, de uma intenção e de um momento de produção; como uma unidade significativa. É importante ressaltar que “todo texto se organiza dentro de um determinado gênero”, (PCNs - 1997 - Língua Portuguesa, p.26) com intenções comunicativas diferenciadas e determinados historicamente pelos usos sociais.

2. A língua na vida ou a vida na língua

Numa sociedade letrada, ser um usuário competente da língua é, cada vez mais, uma condição para a efetiva participação social, pois é através dela que se estabelecem as relações de poder. Prover os alunos de oportunidades de conquistarem o uso desejável e eficaz da linguagem, o domínio da língua, e da capacidade de produzir discursos é função principal da escola no que se refere ao trabalho com a língua.

Entretanto, nos deparamos no cotidiano escolar com mais um desafio para uma intervenção pedagógica efetiva e eficaz: a motivação (ou a vontade enunciativa, como diria Bakhtin). Vygotsky prenuncia o fato, concluindo que:

³ Entende-se letramento como o conjunto de práticas sociais, culturalmente determinadas e que se adquirem no processo interativo da fala, da leitura e da escrita, com implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e de poder.

"...A escrita deve ser relevante à vida [...], deve ter significado para as crianças, uma necessidade intrínseca deve ser despertada nelas e a escrita deve ser incorporada a uma tarefa necessária e relevante para a vida." (1935:133).

Como professores do ensino fundamental, tal constatação nos remete à reflexão sobre quais são os gêneros utilizados ou não pela escola, que sejam necessários à criança e que despertem seu desejo de ler/escrever.

3. Buscando caminhos

"Não são apenas os padrões escolares de letramento das classes dominantes que devem servir de modelos, pois cada grupo social tem suas práticas culturais que determinam habilidades específicas."

Sérgio Roberto Costa

Os PCNs, em sua versão preliminar, preconizavam que "as mudanças em pedagogia são difíceis, não passam pela substituição do discurso e sim por uma real transformação do olhar e da ação" (PCN - Língua Portuguesa, 1995, p.7), registrando, de certa forma, o nosso desafio enquanto educadores.

No nível do sistema educacional, isto é, no conjunto de instruções oficiais apresentadas pelos PCNs, que buscam propor um plano geral de ações educacionais, assim como nas teorias que expressam as expectativas em relação ao trabalho com a linguagem, os gêneros do discurso são enfocados como uma poderosa ferramenta de ensino/aprendizagem da língua.

Nas instituições escolares, que também produzem discursos sobre objetivos, programas, conteúdos e métodos de ensino, que acabam dando forma às intervenções didáticas, o texto vem sendo utilizado como instrumento no ensino da língua.

As práticas de linguagem são aquisições acumuladas pelos grupos sociais e construídas historicamente. Numa perspectiva interacionista, são, ao mesmo tempo, o reflexo e o principal instrumento de interação social. É devido a estas mediações comunicativas, que se cristalizam na forma de gêneros, que as significações sociais são progressivamente reconstruídas (Dolz e Schneuwly, 1996). Podemos concluir, assim, que o trabalho escolar, no ensino da língua, faz-se sobre os gêneros, quer se queira ou não. Entretanto, percebemos no cotidiano escolar que os gêneros, ainda que considerados como objetos de aprendizagem e como instrumentos a serviço da aprendizagem, são raramente abordados como objetos de ensino.

Considerações Finais

Segundo Machado (1999), a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas. Neste sentido, será para a criança que se inicia no universo da escrita uma construção nova: aprender novos modos de discurso, de se relacionar com interlocutores, muitas vezes, virtuais, de se relacionar com temas e significados, novos motivos para comunicar em novas situações.

Sabemos que, além dos gêneros serem portadores de um ou mais valores de uso, a escolha de um determinado modelo textual para determinada situação de uso se dá pelo conhecimento efetivo dos gêneros. Essa escolha se transforma numa verdadeira decisão estratégica, pois deverá ser eficaz em relação ao objetivo proposto, apropriada ao lugar social implicado e aos papéis que este gera, portanto, adaptada aos valores particulares de quem escolheu. Do ponto de vista pedagógico, esta escolha se faz ainda mais comprometida pois carregará consigo a correlação entre a língua, ideologias e visões do mundo, que servirá de ponte entre o discurso do professor e a formação do discurso de muitos. De acordo com Bakhtin, a compreensão de uma fala viva, de um enunciado, é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa. Toda compreensão produz forçosamente uma resposta, transformando o ouvinte no locutor, o receptor no produtor de novos discursos. Mesmo que não seja imediatamente, o que foi compreendido e apreendido "encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente..." (Bakhtin, 1997, p. 291)

Considerando a importância de um projeto de apropriação de dimensões constitutivas de gêneros de texto, que estructurem as atividades particulares em uma atividade englobadora, de tal forma que essas atividades tenham sentido para os aprendizes, o presente artigo visa contribuir para que os professores entendam que o uso da diversidade textual que existe fora e dentro da escola deve estar realmente a serviço da expansão do conhecimento letrado do aluno.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- COSTA, Sérgio Roberto. *Interação e Letramento escolar: Uma (re)leitura à luz Vygotskiana e Bakhtiniana*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, São Paulo: Musa Editora, 2000.
- DOLZ, J. & SCHNEUWLY, B. *Gêneros e progressão em expressão oral e escrita. Elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona)*. *Enjeux*, 1996. Tradução provisória de Rojo, R. H. R. – PUC – SP (mimeo.)
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- KATO, Mary. *O Aprendizado da Leitura*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

- KLEIMAN, A. B. (org.) *Os significados do Letramento*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.
- _____. *Texto e Leitor - aspectos cognitivos da leitura*. Campinas, SP: Pontes, 1992.
- MACHADO, Anna Rachel. Pressupostos Teóricos Básicos. Campinas: Mini Curso UNICAMP, 1999. (mimeo).
- MOLL, Luis C. *Vygotsky e a educação - Implicações pedagógicas da psicologia sócio-histórica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS - Língua Portuguesa: Ensino de 1ª a 4ª série. Brasília: MEC, Secretaria de Ensino Fundamental. Versão Preliminar, dez/1995. Versão oficial, 1997.
- ROJO, Roxane Helena Rodrigues. *Garantindo a todos o direito de aprender: uma visão sócio-construtivista da aprendizagem de linguagem escrita no ensino básico*. São Paulo: LAES/PUC-SP, 1995. (mimeo).
- SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. *A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo*. São Paulo: Cortês; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.
- SOARES, Magda. *Linguagem e escola - uma perspectiva social*. São Paulo: Ática, 1993.
- STAM, Robert. Bakhtin - Da teoria literária à cultura de massa. São Paulo: Ática, 1992.